

GERAL

DIA DO ÍNDIO

Pequeno caingangue sonha em ser sábio da tribo

Um garoto da reserva da Guarita, que deixou seus estudos para ir trabalhar na lavoura, é um exemplo do destino dos indígenas

CARLOS WAGNER

Miraguaí — As pernas franzinas do índio caingangue Adilson Moreira, de 12 anos, parecem que não agüentam o peso. Mas ele segue com passos firmes pela estrada de Miraguaí a Tenente Portela carregando no colo os irmãos Douglas e Paulo. Sem muito sucesso, tenta aplacar o choro das crianças cantando uma música sertaneja. "Está vivo de teimoso", costuma dizer o seu tio Ivo, um dos moradores mais velhos da Reserva Indígena da Guarita, onde o menino vive com o seu pai João Batista, a mãe Catarina e mais seis irmãos. Logo que nasceu, tio Ivo o chamou de Tatu, porque era pequeno, magro e doente.

Também foi por pura teimosia que Adilson conseguiu cursar até a 6ª série na escola da reserva. Os seus pais não gostavam de vê-lo estudando. Preferiam a ajuda nas lidas da roça. "Eu queria mesmo é aprender a ler os livros dos portugueses", afirma. Os caingangues chamam de "portugueses" todos os que não são índios. Hoje, Adilson abandonou a escola para ajudar os pais na roça. O seu sonho é voltar aos livros. "Quero estudar para ser o sábio da tribo", diz. No entendimento do menino, sábio é aquela pessoa que ensina os mais jovens a se comunicar com os brancos. "E sabe todas as lendas dos caingangues".

TIME DO CORAÇÃO — Como é costume entre os caingangues, Adilson já está de casamento acertado com Simoni, uma garotinha de 11 anos, um a menos do que ele. "Gosto muito dela, vamos casar assim que eu puder fazer sozinho a minha roça", promete. O respeito de Adilson às tradições do seu povo não significa que vire as costas à cultura dos brancos. Muito pelo contrário. "Adoro lutar de boxe na televisão", afirma. E torce pelo Cruzeiro Futebol Clube, um time formado por índios da Guarita. O time do coração é o Internacional de Porto Alegre. O seu maior desejo é viajar de avião: "Naquelles grandes que passam lá no alto soltando fumaça".

Adilson adora uma festa, de preferência, com música sertaneja. Para ele, o Dia do Índio nada mais é do que uma data de grandes festas. Só um fato consegue deixar este menino triste: é quando um colega se muda para outra reserva. As mudanças sempre acontecem quando há desavenças entre as famílias.



Quase adulto: Adilson carrega dois de seus seis irmãos na estrada de Tenente Portela



Guarita: a maioria das crianças da reserva indígena não consegue terminar os estudos

Menino guarani é encontrado no Centro

O indiozinho que se perdeu de sua família no centro de Porto Alegre, na segunda-feira passada, já se encontra junto de seus pais, hospedados na área de trânsito da comunidade indígena localizada na Lomba do Pinheiro, na Capital. Ele foi encontrado no Mercado Público por integrantes da comunidade indígena, próximo ao local onde tinha se perdido dos pais.

O menino Otávio Morfnico, tem oito anos e só fala a língua guarani. É filho de Carlito Poku, líder religioso máximo da comunidade em Barra do Ouro, no interior de Maquiné, Litoral Norte. Ele viajou a Porto Alegre com seu pai, que veio

acompanhar um membro da tribo que sofre tuberculose.

Na cidade, Poku esteve no Mercado Público para comprar peixe e, diante do intenso movimento de pessoas, perdeu-se do filho. O menino ficou durante 24 horas caminhando pelo centro de Porto Alegre. Depois disso, os integrantes do Projeto Mbya-Guarani, entidade civil que dá assistência aos índios, mobilizaram-se e foram em grupo à procura de Otávio para o centro da cidade. O menino permanecerá mais alguns dias na Lomba do Pinheiro, onde seu pai celebra rituais religiosos para curar a doença de um outro índio.

ÁREA DE RESERVA

Segurança I — O ministro da Justiça, Alexandre Dupeyrat, entrega hoje ao presidente Itamar Franco uma proposta de reforço da segurança nas áreas indígenas brasileiras. Será a primeira providência de Dupeyrat depois de ter assumido o ministério no último dia 6. Uma de suas alternativas é ampliar a atuação da Polícia Federal nas terras indígenas.

Segurança II — Duas denúncias graves já chegaram a Dupeyrat: índios de reservas de Rondônia estavam sendo vítimas de abusos sexuais por parte de militares, e alguns índios estavam sendo obrigados a fazer alistamento militar.

Colonização — Os índios brasileiros seriam 1,5 milhão por volta do ano 1500. No início da colonização, eles foram perseguidos, capturados e utilizados na extração de pau-brasil e plantação de cana-de-açúcar. O aprisionamento foi proibido em 1570. Só em 1910, com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) pelo marechal Cândido Rondon, foi reconhecido o direito à posse da terra e o respeito aos costumes.

Demarcação — O ex-presidente Collor, diante da realização da Rio-92, demarcou algumas reservas, como as dos yanomânis, em Rondônia. Isto afastou temporariamente os garimpeiros. Mas em junho de 1993, o massacre de um grupo de yanomânis na fronteira com a Venezuela repercutiu em todo o mundo. Em outubro de 1993, terminou o prazo estabelecido pela Constituição de 1988 para a demarcação das reservas. Das 532 terras de índios, que totalizam 900.816,61 quilômetros quadrados, apenas 266 foram demarcadas.

Tribos de hoje dependem de sementes e bons preços

A derrubada das matas pelos colonizadores transformou os índios caingangues do Rio Grande do Sul em agricultores. Ao contrário dos indígenas das selvas amazônicas, que vivem da caça e da pesca, a sobrevivência das tribos gaúchas depende de sementes, adubos, óleo diesel, tratores e bons preços para os seus produtos. Por causa disso, as reivindicações dos caingangues assemelham-se muito às dos pequenos produtores. "Precisamos ter um centro de produção de sementes de qualidade", diz Glênio da Costa Alvarez, administrador da Fundação Nacional do Índio (Funai) no Estado.

A produção de grãos dos índios gaúchos não consegue alimentá-los. Produzem em torno de mil toneladas de grãos para uma população de 11 mil pessoas. Estima-se que a população indígena do Brasil seja de 250 mil, dividida em 200 tribos e nações, falando 170 línguas diferentes. Eles ocupam uma área de 61 mil hectares, o que significa apenas 1% das terras cultivadas no Rio Grande do Sul.

IMPASSE — Atualmente, os caingangues estão disputando com os brancos a posse de 50 mil hectares. Segundo Alvarez, esta área foi retirada da comunidade indígena pelo governo do Estado nos anos 60. Na época, as glebas foram vendidas para colonos. A Constituição Federal garantiu a retomada das terras. Mas não deu meios para isto, como dinheiro para indenizar os atuais ocupantes. O resultado é um impasse entre brancos e índios que se estende por mais de dois anos, como o caso do Aeroporto Municipal de Iraí, hoje tomado pelos caingangues. "A morosidade do governo em resolver a questão de terra incentiva o conflito", avisa Rodrigo Venzon, da Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai). A falta de dinheiro também deixa o índio sem atendimento médico. "Estamos preocupados porque há escassez de recursos econômicos para o atendimento médico-hospitalar dos caingangues", explica Alvarez.